



O subúrbio como centro do mundo: Lima Barreto e João Antônio

CLARA ÁVILA ORNELLAS¹

Unesp-Assis/Fapesp



Resumo: Este texto apresenta reflexões de Lima Barreto e João Antônio a respeito da periferia urbana. As precárias condições de infra-estrutura dos subúrbios e a dependência econômica dos moradores dessas regiões em relação à cidade demonstram a condição de marginalidade social desse espaço urbano historicamente perpetuada. Demonstra-se como o advento da modernidade no Brasil privilegiou o espaço da classe dominante, gerando uma inconsciência coletiva que privilegia a matriz estrangeira em detrimento da memória local.

Palavras-chave: Urbanidade; Crítica social; Lima Barreto; João Antônio

Abstract: This text presents reflections of Lima Barreto and João Antônio regarding the urban periphery. The precarious infrastructure conditions of the suburbs and the economic dependence of the inhabitants of these regions in relation to the city demonstrate the condition of social marginality of this urban space historically perpetuated. It is demonstrated as the advent of modernity in Brazil privileged the space of the ruling class, generating a collective unconsciousness that privileges the foreign matrix in detriment of the local memory.

Keywords: Urbanity; Social Criticism; Lima Barreto; João Antônio

*Tudo encarece e fica pela hora da morte;
mas toda a nossa gente brasileira tem as vistas
voltadas para as coisas do Rio, da avenida;
e é preciso atendê-la o quanto antes.*

(LIMA BARRETO)

*A gente tão perto da cidade
e tão longe dela.*

(JOÃO ANTÔNIO)

As escritas de Lima Barreto (1881-1922) e João Antônio (1937-1996) contemplam a margem do espaço urbano, seja no enfoque às periferias de São Paulo ou Rio de Janeiro, seja na representação de personagens marginalizados que percorrem as ruas do centro da cidade paralelamente a outras esferas sociais. Abordar a literatura de ambos é uma maneira de verificar como dois escritores

distintos, que viveram em tempos e contextos históricos diferentes, ainda têm muito a dizer sobre a atualidade das metrópoles brasileiras. As suas produções possuem um elemento comum importante ao privilegiarem o olhar sobre a periferia, falando a partir dela. Ou seja, o fato dos dois autores terem vivido parte de suas vidas na ambiência da marginalidade permite verificar um humanismo e uma proposição de denúncia que atestam fortes correlações entre realidade, vida urbana e problemas sociais.

Além dessa presença de cunho combativo, suas obras também se caracterizam pelo registro fiel da cartografia urbana. Muitos de seus textos podem ser tomados como mapas reveladores da cidade de suas épocas e ainda podem ser recuperados tendo em vista a existência de ruas e locais

¹ Este texto compõe-se de parte dos resultados da pesquisa de pós-doutoramento “João Antônio, leitor de Lima Barreto”, desenvolvido na Unesp-Assis/Fapesp, no período de 2006 a 2008. Atualmente, a autora realiza novo pós-doutorado, na mesma instituição, sob o título “Da escrita do leitor à voz do escritor: estudo sobre marginais de João Antônio”, sob incentivo Fapesp. Ambas as investigações se vinculam aos estudos do grupo de pesquisa “Memória e Representação Literária” (CNPq).

públicos que resistiram à passagem do tempo. Agrippino Grieco, no prefácio à obra barretiana *Marginália* (1956, p.14), afirma que Lima Barreto leva o leitor a um passeio pelo Rio de Janeiro, pelas ruas do centro e do subúrbio retratando os diversos tipos pertencentes à topografia da cidade: “Todo o Rio está na sua obra”. O mesmo sentido concede Alfredo Bosi (1986, p. 6) à obra de João Antônio no prefácio de *Abraçado ao meu rancor*: “João Antônio é observador que percorre a cidade, a ingrata e bem-amada, sempre ‘abraçado ao seu rancor’”.

Essa postura detalhista igualmente se encontra quando o enfoque de suas produções trata do subúrbio. João Antônio afirmou que um dos elementos mais importantes da escrita de Barreto relacionou-se à abordagem pioneira da periferia do Rio de Janeiro no contexto literário e por ter trazido, junto a essa caracterização urbana, a representação fiel dos personagens que habitam esse espaço. Semelhante pioneirismo apontado por João Antônio pode ser verificado também nas recorrentes dedicatórias de seus livros ao escritor carioca em que sempre se ressalta a condição precursora da obra barretiana. Não é diferente a sua postura em relação à sua própria criação estética. O autor paulistano privilegiou, em sua escrita, a representação dos subúrbios e do submundo das cidades, seja de São Paulo ou do Rio de Janeiro, e a presença de personagens oriundos da periferia.

Neste sentido, as literaturas de ambos os escritores consolidam-se como ferramentas hábeis para se refletir sobre a condição de marginalidade que ainda hoje atinge a maior parcela da população brasileira tanto no âmbito social, econômico quanto humano. São raros os casos, e isso a história literária nacional tem provado com certa frequência, em que há a possibilidade de se ouvir vozes oriundas diretamente do espaço periférico urbano tratando sobre a realidade dessa margem com o teor de dramaticidade que lhe é inerente. Nas escritas de Lima Barreto e João Antônio resgatam-se não apenas os problemas enfrentados pelos moradores do subúrbio como o humanismo e os traços de solidariedade que circundam esse mundo paralelo à cidade socialmente reconhecida. Entretanto, se por um lado ascende a matéria humana que sobrevive nesta região, por outro lado, os autores não deixam de registrar como as condições adversas podem configurar-se como desencadeadoras da violência urbana.

O subúrbio como ele é

Um dos principais elementos que torna a escrita de Lima Barreto inovadora refere-se à apreensão do universo da periferia a partir das vivacidades geográfica e humana. Semelhante representação diferencia-se da literatura de sua época mais vinculada à ótica das preocupações da

classe dominante e inclinada a copiar estilos de autores estrangeiros. Contrariamente a esta perspectiva, Lima Barreto trouxe para o contexto literário a realidade adversa da cidade, mais designadamente as tortuosas ruas do subúrbio com suas especificidades. Diferente de um enfoque mediado pelo distanciamento, nota-se uma apreensão poética que une ponto de vista crítico, humanidade e cartografia urbana:

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às [sic] dez horas da manhã e há toda uma população da cidade, de certo ponto, no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma cousa, para o sustento seu e dos filhos. (BARRETO, *Clara dos Anjos*, 1956, p. 118)

Observa-se nesta abordagem de Barreto – apesar de se tratar de uma descrição, o que, em princípio, poderia atestar distanciamento – a presença de uma vinculação direta entre narrador e matéria narrada. Tal afirmação pode ser comprovada no teor da aproximação efetuada ao desvelar a fauna suburbana sob uma ótica interna, reveladora da situação íntima e social desta população. Ao invés de limitar-se a descrever a situação de miséria vivida pelos suburbanos, o narrador imiscui na substância humana acunhando-lhes de “infelizes”. Além disso, o ponto de vista empregado deixa clara a pressuposição de que a razão das condições adversas dos subúrbios fundamenta-se no abandono efetuado pelo poder governamental, indiferente àqueles sobreviventes de migalhas. O que condiz à imagem de formigas, em constante movimento, obtendo apenas resíduos para si e sua comunidade. Ainda merece destaque a condição de dependência que os suburbanos têm dos habitantes da cidade para garantir a sobrevivência, conforme assinala a voz barretiana. Como se pode verificar, toda a movimentação apresentada permite apreender um sentido de peregrinação rumo a um único destino: a cidade. Essa dependência registra de maneira contundente a condição de ilegalidade estrutural

e econômica destinada a quem não habita o espaço urbano legalizado. Logo, ao suburbano só é permitido interagir neste território através de duas condições pontuais: subemprego ou pequenas ações legais ou ilegais que lhe proporcione a subsistência diária.

Depreende-se uma correlação entre a perspectiva de Lima Barreto e João Antônio no condizente ao olhar detalhista sobre o movimento e a vida dos subúrbios. Barreto registrou explicitamente sua solidariedade à vida sofrida dos habitantes desse espaço de exclusão, criando a expressão “refúgio dos infelizes”, que denota poeticamente sua solidariedade para com a realidade adversa da vida dos suburbanos. É interessante notar que esta frase encontra-se sublinhada no volume de *Clara dos Anjos* pertencente à biblioteca pessoal de João Antônio, localizada no Acervo João Antônio – Unesp/Assis. Inclusive, o escritor paulistano a retomou em textos jornalísticos e ficcionais sobre a obra barretiana e seu autor, para destacar o pioneirismo de Lima Barreto na inserção do espaço urbano marginalizado na literatura brasileira.

Quando Lima focaliza personagens da zona de exclusão em seus romances, observa-se que estes aparecem como indivíduos secundários da esfera social brasileira. A galeria de seus personagens suburbanos inclui Ricardo Coração dos Outros, Lucrécio Barba de Bode, Maria Rita, Clara dos Anjos, o compadre de Gonzaga de Sá entre outros. Todos assinalados por carências econômicas e pela falta de consciência quanto ao lugar social desprivilegiado que ocupam. Somente Ricardo tem ambição de se tornar um cantor de modinhas famoso; os demais não questionam a sua condição. De igual maneira ao que ocorre na escrita de João Antônio, é possível verificar o olhar do narrador barretiano expressando sua comunhão com os sofrimentos desses personagens. Localiza-se a solidariedade do escritor carioca em relação aos desafortunados humana e socialmente, ainda nos primeiros anos do século XX. Não por acaso, se verifica um viés intempestivo que critica acidamente a falta de consciência dos suburbanos, pois estes buscam copiar os padrões de comportamento dos moradores da cidade. Isso inclui desde as vestimentas até o jogo de poder em que uns, por trajarem uma farda, um paletó mais bem cortado ou ocupar postos subalternos nas repartições públicas, acreditam ser superiores aos seus iguais:

O brasileiro é vaidoso e guloso de títulos ociosos e honorárias chochas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de veneras, de condecorações, andar cheio de dourados, com o peito ‘chamarré d’or’, seja da Guarda Nacional ou da atual segunda linha. Observem. Quanto mais modesta for a categoria do empregado – no subúrbio pelo menos – mais enfatuado ele se mostra. Um velho contínuo tem-se na conta de grande e imensa

coisa, só pelo fato de ser funcionário do Estado, para carregar papéis de um lado para outro; e um simples terceiro oficial, que a isso chegou por trapaças de transferências e artigos capciosos na reformas, partindo de ‘servente adido à escrita’, impa que nem um diretor notável, quando compra, se o faz, a passagem no ‘guichet’ da estação. Empurra brutalmente os outros, olha com desdém os mal vestidos, bate nervosamente com os níqueis... A sua pessoinha vaidosa e ignorante não pode esperar que uma pobre preta velha compre uma passagem de 2ª classe. Tem tal pressa, a ponto de pensarmos que, se ele não for atendido logo, o Brasil estoura, chega-lhe mesmo a esperada bancarrota... (BARRETO, “A estação”, 1956, p. 150)

Para o narrador das obras de Lima, além da atestada situação ironicamente registrada, há o aspecto muito mais perigoso da falta de conscientização sobre a própria realidade por parte dos suburbanos. Observa-se que o narrador critica essa posição e lamenta por essas personalidades frágeis que, ao invés de lutar para conquistar dignamente um lugar na sociedade, preferem viver num mundo alheio à realidade. Verifica-se nas crônicas e nas demais produções literárias do autor carioca a falta de perspectiva de mudança social diante de seres inconscientes, logo, incapacitados para agir socialmente. O sonho com os padrões de vida da zona sul carioca os impede de lutar por modificações concretas dos lugares onde vivem. Dessa maneira, vivenciam o engodo da ilusão que não os permitem nem alcançar a alta posição almejada, nem transformar as suas reais condições financeiras e o espaço citadino onde moram. Reação seria a palavra mais acertada para corroborar a perspectiva barretiana ao focalizar o subúrbio fluminense.

Isso leva a entender, em parte, a razão de alguns de seus principais temas: corrupções políticas e sociais. Ao trazer para o contexto literário os diversos tipos de corrupção – social, política e humana – que os integrantes da classe dominante realizam para garantir destaque no cenário social onde vivem, Lima Barreto focaliza o universo urbano transitado por essa elite. A Rua do Ouvidor, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a Avenida Central (atual Rio Branco), o palácio do Catete e os muitos sobrados de pessoas abastadas são espaços recorrentemente presentes em sua obra e, nesse cenário de acesso a poucos, vislumbram-se claramente as discrepâncias das condições de vida entre centro e periferia.

Assim, a luxuosa mansão da família do político Neves Cogominho em *Numa e Ninfa* é descrita em detalhes da mesma maneira que as rótulas rudimentares e miseráveis onde vive Lucrécio Barba de Bode com sua mulher e seu filho, a contar níqueis para garantir o arroz para o almoço. O requinte do Palácio do Catete, no mandato de Teodoro da Fonseca, aparece em *Triste fim de Policarpo Quaresma* com a soberba dos funcionários, os assoalhos reluzentes

ou os lustres importados em paralelo à pobreza da casa da rezadeira Maria Rita e dos miseráveis arredores agrícolas do sítio de Quaresma. Os rapazes bem vestidos, elegantes e bonitos do centro da cidade observados por Cassis, em *Clara dos Anjos*, se contrapõem em grande medida aos seus amigos, também moradores do subúrbio, que são pobres, feios e miseráveis. O olhar de Augusto Machado, em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, contemplando as belezas naturais da cidade e o movimento de pessoas de requinte pelas principais ruas do Rio de Janeiro, reflete criticamente sobre as condições acidentadas e pobres do subúrbio onde mora a família do compadre de seu amigo Gonzaga de Sá.

Isaias Caminha, ao observar a ostentação burguesa de seu chefe no jornal ou mesmo dos seus pares jornalistas, sofre por saber que a sua realidade é bem diferente. Lembra-se de sua mãe costurando dia e noite para garantir o sustento da casa ou de seu tio que trabalha duramente como carteiro. E essa realidade de luta árdua pela sobrevivência, Isaias sabe, é o destino regular da maioria das pessoas de ascendência negra, assim como ele. Afinal, à época da elaboração do romance *Recordações do escrivão Isaias Caminha* (publicado em 1909) a cartografia da região central do Rio de Janeiro já estava em plena reforma urbanística. Movimento esse perpetrado pelos poderes municipal, estadual e federal com vistas à assepsia da cidade. Nesses termos, deslocar os negros e pobres que residiam na região central para a periferia tornou-se condição imprescindível para a adequação da cidade ao modelo de capitais estrangeiras como Paris e Nova York.

Luta pelo espaço

A subordinação opressora das classes subalternas, demonstrada por Lima Barreto, é um dos fatores que se encontra em perspectiva diferente na literatura de João Antônio. Observa-se que na escrita do autor carioca o espaço da cidade e o território do subúrbio ainda estão bem delimitados. Há apenas dois momentos na obra de Lima Barreto em que se apresenta certo paralelismo entre as circunferências das zonas de exclusão e inclusão. Trata-se dos romances *Clara dos Anjos* e *Numa e Ninfa*. O primeiro ocorre quando o personagem Cassis – antagonista de *Clara dos Anjos* – vai ao centro do Rio de Janeiro e passa por uma determinada região de cortiços. O segundo momento apresenta-se no romance *Numa e Ninfa*, referindo-se à Cidade Nova – onde mora o personagem Lucrécio Barba de Bode – bairro esse definido como pertencente a uma região exprimida em meio a bairros de classe média, ainda que não tenha calçamento ou esgoto. Assim, observa-se que esses locais ainda são bem restritos, atingindo uma pequena parcela do espaço

público legalizado. Dessa maneira, pode-se verificar que quando o narrador barretiano focaliza o espaço da classe dominante esse não está permeado por seres oriundos das margens da cidade, o que, comprovadamente, ocorre na literatura do autor paulistano.

Talvez o único momento da obra de João Antônio em que um de seus personagens conquista o acesso ao espaço urbano reconhecido socialmente seja quando ocorre a ascensão ao mundo do crime de Paulinho Perna Torta, no conto homônimo, publicado pela primeira vez em 1965. Nesta condição, Paulinho compra um apartamento no centro de São Paulo e tem acesso ao luxo de carros, bebidas, comidas e mulheres caras. Contudo, ao conseguir atingir a realização desses sonhos, sente-se irremediavelmente só consigo mesmo, com a cidade e o mundo ao seu redor. À parte deste caso, os personagens de outras produções deste autor – menores abandonados, prostitutas, jogadores de sinuca, malandros, empregados subalternos – vivem num pêndulo constante entre vida e morte, mediados pela necessidade básica de garantir o sustento diário.

Assim, localiza-se uma perspectiva diferente na obra de João Antônio em relação ao espaço da cidade porque, na maioria de seus textos, não há descrições da riqueza dos ambientes das classes sociais mais abastadas como ocorre em alguns momentos da obra de Lima Barreto, ainda que na perspectiva de aceção crítica. Na literatura do autor paulistano persiste a descrição do submundo, seja do centro das cidades ou de suas periferias. Há uma passagem singular em que essa contraposição aparece. Remete-se ao texto-título da coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), obra de estreia do autor no cenário literário. Trata-se do instante em que os três personagens que nomeiam a narrativa, em suas caminhadas em busca de salões de sinuca, passam pelos bairros paulistanos de classe média Água Branca e Perdizes:

Com suas ruas limpas e iluminadas e carros de preço e namorados namorando-se, roupas todo-dia domingueiras – aquela gente bem dormida, bem vestida e tranqüila dos lados bons das residências da Água Branca e dos começos das Perdizes. Moços passavam sorrindo, fortes e limpos, nos bate-papos da noite quente. Quando em quando, saltitava o bulício dos meninos com patins, bicicletas, brinquedos caros e coloridos. (ANTÔNIO, “Malagueta, Perus e Bacanaço”, 1963, p. 124)

Nesse sentido, percebe-se na obra de João Antônio uma abordagem diferenciada da de Lima Barreto porque quando se alude ao espaço urbano legalizado não há descrições da ambiência interna dos locais habitados pela classe dominante. Verifica-se que, ainda que ocorra essa alusão direta entre os diferentes contextos das classes sociais, o autor paulistano a enfoca sob o perímetro da

rua para demonstrar essa contradição. Isso pode ser verificado igualmente, entre outros exemplos, nas ações de “Mariazinha Tiro a Esmo” (1975) que se prostitui e vive da mendicância na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Também no texto “Guardador” (1982) o protagonista vive sua solidão numa praça onde há intenso movimento das classes média e dominante que transitam pelo local de carro para ir à igreja. O mesmo paradigma pode ser observado em “Leão-de-chácara” (1975), no qual o personagem principal cuida da segurança de uma boate da zona sul carioca e, ao mesmo tempo, mora no subúrbio da cidade. Em “Galeria Alaska” (1975), de maneira contundente, narra-se um dos pontos da noite de Copacabana nos anos 70 e a relação próxima e conflitante entre seres oriundos do subúrbio com habitantes da classe média carioca no mesmo espaço urbano.

Dessa maneira, pode-se verificar que o contexto sócio-histórico enfocado por João Antônio em muitas de suas produções é bem diverso daquele de Lima Barreto, pois neste ainda não havia se consolidado a suburbanização de alguns dos espaços considerados privativos da zona de inclusão. Essa situação de transgressão espacial, ocasionada pelo crescimento dos índices de desemprego, populacional e de muitas outras carências sociais, leva os personagens do autor paulistano a empreender a busca pela sobrevivência dos restos que a sociedade socialmente reconhecida lhes oferece.

Tal estado de coisas ainda se constitui uma realidade nas metrópoles brasileiras e, muitas vezes, leva esses seres a cobrar a dívida da sociedade para com eles através da violência presente nas ruas e, cada vez mais acirrada, chegando a invadir as próprias residências das classes abastadas. Os programas sociais de inclusão gerados por entidades governamentais e não-governamentais caracterizam-se como uma realidade a demonstrar as possibilidades e o talento da população marginalizada, contudo, não atingem toda a população necessitada em razão da explosão demográfica ininterrupta. Semelhante problema demográfico pode ser apreendido, entre outros momentos, no dado estatístico presente no texto “Pingentes” (1975), de João Antônio, a respeito da deficiência do transporte ferroviário destinado aos moradores da periferia do Rio de Janeiro: “Tudo para a Zona Sul, o lado rico da cidade. Um dado – enquanto do lado de lá do Túnel Novo, entre Copacabana e Leblon, vivem cerca de quinhentas mil pessoas, na Zona Norte e no Grande Rio estão os que restam: cerca de três milhões e quinhentas mil” (ANTÔNIO, 1975, p. 29).

A sociedade se autoflagela

A literatura de João Antônio demonstra, entre outros aspectos, a necessidade que os homens bem

instituídos socialmente têm dos serviços de exploração dos marginalizados para realizar alguns de seus desejos transgressores, principalmente no que tange à prostituição e ao consumo de drogas. Assim, atesta-se que esses personagens oriundos da periferia não podem ser mais diretamente correlacionados àqueles moradores de subúrbio narrados por Lima Barreto, principalmente porque os seres fictícios descritos na obra do autor paulistano estão inseridos, devido à necessidade de sobrevivência, na dimensão da criminalidade ou muito próximos desta. Denuncia-se, assim, a hipocrisia que permeia a mentalidade da zona de inclusão. Mesmo sabendo se tratar de ações ilícitas que não contribuem para melhorar as condições de vida dos marginalizados, a classe dominante faz uso desses “serviços” e, ao mesmo tempo, profere em seus discursos oficiais ataques enfáticos e reivindica punições às ocorrências destes.

O olhar barretiano depreende a paisagem suburbana com a simplicidade de suas casas e seus moradores, na maioria subempregados da cidade ou malandros que vivem de pequenos expedientes legais ou ilegais. João Antônio traz para a cena literária seres de origem semelhante, realizando uma invasão, com uma espécie de consciência da razão pela qual eles não possuem vida digna, diferentemente do que ocorre nas obras do autor carioca. Essa cobrança ocorre, muitas vezes, por meio da criminalidade e violência, pois são estes os meios de que dispõem para, ao mesmo tempo, vingar a exclusão social e ocupar o espaço que a cidade lhes nega. Afinal, esses habitantes da margem da cidade sabem que a outra opção seria o subemprego e continuar na posição subordinada que lhes é destinada. Contudo, essa postura de revolta e desespero consome a humanidade desses personagens. E é justamente isso que a produção do autor paulistano resgata, os traços de humanismo soterrados pela necessidade de sobrevivência.

Na verdade, poder-se-ia estabelecer como ponto fundamental da literatura de Lima Barreto a luta para que o homem brasileiro, diante da inserção do país na dinâmica de modernidade – então nascente durante os primeiros anos do século XX – não perdesse os traços de identidade, logo de humanismo, que ainda lhe restava no início do século. Afinal, o ideário capitalista ainda não compunha o imaginário comum de toda a população. Na escrita de João Antônio se verifica um movimento diferente, pois ele busca resgatar os traços de humanismo de uma ampla população à margem, um dos saldos negativos da já consolidada política capitalista. Enquanto no primeiro se observa a luta para se manter elementos da cidade que permitam a conservação da história da urbe como a valorização de prédios antigos, o passeio público como lugar de interação de classes, a literatura como forma de união da humanidade, a política como um poder atuante

na defesa do bem comum etc., no segundo, se percebe objetivos similares.

A produção artística do autor paulistano também prioriza o homem como tema central da literatura e busca acordar a consciência adormecida da classe dominante diante da miséria brasileira. Para tanto, assim como já fazia Lima Barreto, o discurso deve ser contundente, combativo e irônico, pois o que está em jogo é o futuro do Brasil, segundo a percepção dos dois escritores.

É possível localizar esse movimento de linguagem atuante e denunciadora em inúmeros momentos da produção dos dois autores. Os seus personagens e os seus narradores refletem constantemente sobre a falta de preservação da memória histórica de suas cidades. Seus seres fictícios sofrem diante da demolição de construções históricas:

Um dia faltou [Gonzaga de Sá] à repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castelo, visto cinqüenta e tantos anos atrás, em hora igual, por ocasião de uma “gazeta” da aula primária. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dor! Assim, vivendo todo o dia nos mínimos detalhes da cidade, o meu benévolo amigo conseguira amá-la por inteiro [...]. (BARRETO, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1956, p. 64)

Arebordosa vem a galope. E tão, que a Taberna da Glória dos sambas de Noel, das vozes de Araci de Almeida e de Marília Batista, dos intelectuais e boêmios, não existe mais. A praça Paris, a que um dia Mário de Andrade chamou de sublime, descambou em canteiro de obras, enfumaçado e tomado de arames e concreto retorcido. O Café Lamas, do largo do Machado, chão de mínimos amantes entre o Catete, Laranjeiras e Flamengo, ponto fundamental de certa boêmia autêntica, desapareceu na véspera do centenário. Veneráveis lojas do Catete debandaram para outros sítios, menos comprometidos com isto a que chamam desenvolvimento dentro do que chamamos cidade grande. Mesmo a praça Onze, que se supunha inatingível, desde que Grande Otelo e Herivelto Martins denunciaram, em samba ontológico, que iriam acabar com ela, caiu de vez. (ANTÔNIO, “Flagrante pequeno da miniguerra do metrô, 1996, p. 15)

É nesse sentido que se percebe uma forte interação entre história, memória e sociedade nas produções literárias de Lima Barreto e João Antônio. Ambas discutem a degradação e a indiferença originadas pela modernidade não planejada que exclui a possibilidade de igualdade de direitos para todos os homens e, ao mesmo tempo, configuram as escritas destes autores como profícuos memorialistas do espaço citadino. Isso leva às observações de Jeanne Gagnebin, em *História e narração em Walter Benjamin* (2004, p. 104-109), a respeito do papel de *cesura* que a obra de arte literária pode exercer na desmistificação da história oficial. Assim, segundo a estudiosa, a escrita que irrompe um ponto de

vista contrário instaura-se como elemento que diverge da ideia de contiguidade histórica e estabelece o surgimento de uma nova intensidade no presente: “como se continuar a transmitir alguém de toda explicação, continuar a falar mesmo sem saber se, um dia, alguém ouvirá, como se essa absurda e última aposta na linguagem e na comunicação desenhasse a figura frágil de uma possível humanidade”. Na escrita dos dois escritores, o humanismo exerce um papel fundamental e, nesse sentido, seus olhares sobre a cidade e a precariedade da vida das classes subalternas os levam a questionar a falta de lugar para o homem em favor do concreto e de um *status* globalizado em que pesa sobremaneira a adequação aos modelos urbanos de outros países:

O Rio de Janeiro não tem necessidade de semelhantes ‘cabeças-de-porco’, dessas torres babilônicas que irão enfeá-lo, e perturbar os seus lindos horizontes. Se é necessário construir algum, que só seja permitido em certas ruas com a área de chão convenientemente proporcional.

Nós não estamos como a maior parte dos senhores de Nova York, apertados, em uma pequena ilha; nós nos podemos desenvolver para muitos quadrantes. Para que esta ambição então? Para que perturbar a majestade da nossa natureza, com a plebéia brutalidade de monstruosas construções?

Abandonemos essa vassalagem aos americanos e fiquemos nós mesmos com as nossas casas de dois ou três andares, construídas lentamente [...] Além de não poderem possuir a mínima beleza, em caso de desastre, de incêndio, por exemplo, não podendo os elevadores dar vazão à sua população, as mortes hão de se multiplicar. [...] As modas dos ‘americanos’ que lá fiquem com eles; fiquemos nós com as nossas que matam menos e não ofendem muito à beleza e à natureza. (BARRETO, “Sobre o desastre”, 1956, p. 122).

Essa modificação imposta ao espaço urbano, na maioria das vezes, desconsidera a geografia das cidades ocasionando, portanto, além da falta de reconhecimento de um viés arquitetônico mais próximo da realidade brasileira, problemas de infra-estrutura. É o caso das modificações ocasionadas pelo movimento “O Rio civiliza-se” – no início do século XX – que provocou, entre outros aspectos, o bloqueio do livre curso do mar na praia de Copacabana, fator este duramente criticado por Lima Barreto em seus textos jornalísticos e literários:

Tais homens, porém, embotados pela sede de riquezas não perceberam bem isto; e, a pretexto de melhoramentos e embelezamentos, mas, na verdade, no intuito de auferirem gordas gratificações de banqueiros, trataram de estrangulá-lo, de aterrâ-lo com lama. Diziam eles que tal faziam, para tornear pelos passeios, como se o Mar por si só não fosse beleza. (BARRETO, “A revolta do mar”, 1956, p. 254)

Semelhante postura contestatória é encontrada na produção de João Antônio que denuncia, em meio aos vários problemas da capital paulistana, a quase extinção do espaço verde em favor do asfalto e concreto. Em “Abraçado ao meu rancor” (1986) demonstra-se a voracidade da invasão do modelo norte-americano nas reentrâncias de São Paulo. Além da preocupação com a adoção de padrões estrangeiros em solo urbano brasileiro, também criticada por Lima Barreto, se verifica neste texto do autor paulistano a transformação estrutural da cidade ultrapassando o limite do espaço físico, instaurando-se na própria construção do imaginário brasileiro:

[...] Aposentaram os bondes, enlataram a cerveja, correram com o sambista, enquadraram até os poetas. Lanchonetaram os botequins de mesinhas e cadeiras; pasteurizaram os restaurantes sórdidos do centro [...] Plastificaram as toalhas, os jarros, as flores; niquelaram pastelarias dos japoneses, meteram tamboretos nos restaurantes dos árabes. Formicaram as mesas e os balcões. Puseram ordem na vida largada dos engraxates. Na batida em que vão, acabarão usando luvas [...] Ficharam, documentaram os guardadores de carros. Silenciou-se a batucada na lata de graxa. Acrilizaram a sinuca [...]. (ANTÔNIO, “Abraçado ao meu rancor”, 1986, p. 115-116)

A linguagem sintética e a utilização da indeterminação do sujeito apresentadas nesta citação configuram a voracidade da transformação do espaço urbano, mesmo daqueles recintos ocupados pelas classes subalternas, impondo modificações tão rápidas que ocasionaram uma cópia direta de padrões estrangeiros. Nesse sentido, o narrador atesta a dificuldade de reconhecer a si próprio em sua cidade. Ao demonstrar modelos de espaço e comportamento uníssonos decreta-se a invisibilidade de seres condicionados inconscientemente, silenciados e, ao mesmo tempo, tão desumanizados como a fórmica das lanchonetes ou o acrílico da mesa de sinuca. O próprio fato de transformar em verbos alguns substantivos (lanchonete, fórmica, acrílico) configura de maneira ainda mais latente a tensão entre a invasão da modernização e a realidade brasileira, indicando uma passividade aterradora. Os perigos de se perder a identidade – denunciados por Barreto – aqui, em João Antônio, atestam que esta já foi irremediavelmente perdida.

Beatriz Resende salienta, em *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* (1993, p. 50), que as críticas de Lima Barreto não significam uma posição imparcialmente contrária ao modelo moderno de urbanização, mas que ele – assim como João Antônio – atentou para a falta de planejamento dessa modernidade que não contemplava as necessidades do homem comum. Assim, delineia-se a vertente de uma transformação social e urbana fundamentada apenas no favorecimento da classe

dominante e, dessa maneira, retirando a condição de cidadania para todos os habitantes da cidade.

Conforme está se demonstrando aqui, João Antônio e Lima Barreto também priorizaram a valorização da memória histórico-social da cidade em suas produções literárias e jornalísticas. O olhar de ambos, andarilhos apaixonados pela urbe, revela verdadeira aderência em relação à integração espaço e homem para suas criações estéticas, proporcionando o resgate de aspectos da história das cidades para seus leitores que muitas vezes lhes eram desconhecidos. Em muitos destes casos, devido a uma forma de pensamento moderna que busca apagar o velho para consagrar o novo:

O quilombola e o corsário projetaram um pouco a cidade; e, surpreendida com a descoberta das lavras de Minas, de que foi escoadouro, a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para aumentar e espriar-se, e todo o material foi-lhe útil para tal fim. (BARRETO, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1956, p. 66)

Lá defronte à refinaria, num pavilhão, na Feira das Nações Unidas. Hoje, ali se planta um supermagazine, limpinho e sem graça, vendendo de tudo. De alfinete a carro de luxo, de roupas de frio a embelecocos de praia ou campo, de nome estrangeirado. Que ninguém sabe para que serve. (ANTÔNIO, “Lambões de caçarola...”, 1983, p. 46)

Em ambas citações atestam-se pontos de vista narrativos que depreendem num mesmo espaço urbano as transformações espaciais e sociais, resgatando momentos diferentes da história das cidades dos dois narradores. Nas palavras de Lima Barreto, revela-se a recuperação de elementos históricos esquecidos devido ao surgimento de um novo traçado da cidade do Rio de Janeiro e se destaca a importância da raça negra na construção do espaço público moderno. Aspectos geralmente ignorados pela população que transita pelo calçadão de Copacabana ou aterro do Flamengo alheia à história de sua urbe. Ao mesmo tempo, depreende-se a perspectiva da falta de lugar nesse espaço urbano para aqueles que auxiliaram na sua construção, ficando, na maioria das vezes, subordinados às habitações precárias.

Na citação de João Antônio a modificação do espaço está diretamente relacionada à mudança do espaço urbano que prioriza a adoção de valores contrapostos à realidade brasileira. Além disso, nota-se a intensa imbricação entre transformação cartográfica e a aderência a padrões de consumo importados. Ao mesmo tempo, depreende-se essa consequência como um fator relevado pela classe média, pois esta vê como importante o acesso a nomes e marcas estrangeiras que atestam a matriz cultural dominante. Muito pelo contrário, essa inserção desfigura o espaço, formalizando um imaginário comprometido

apenas com um *status* espacial que visa lucro monetário vendendo, muitas vezes, artigos caros e inúteis. À população marginalizada que habitava esse espaço antes de sua modificação, conforme atesta a narrativa “Lambões de Caçarola (Trabalhadores do Brasil!)” (1977), restou a imposição de mudar-se para a periferia de São Paulo. Logo, lugares onde a infra-estrutura é precária. Os melhoramentos urbanísticos, como asfalto, saneamento básico, entre outros, despertam os interesses de empresários para construir um shopping e indicam que o bairro já se elitizou e, portanto, não oferece mais lugar para habitantes sem condições financeiras de nele interagir.

Infraestrutura para poucos

A descrição das condições precárias das moradias do subúrbio ou dos guetos pobres dos centros das cidades mereceu atenção detalhista tanto de Lima Barreto quanto de João Antônio, como já se aludiu anteriormente. Na obra barretiana, a paisagem do subúrbio é descrita como uma aglomeração precária de casas pobres ou barracos absolutamente mal planejados, que configuram a situação de miséria e exclusão social de seus moradores:

Há casas [no subúrbio], casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (BARRETO, *Clara dos Anjos*, 1956, p. 115)

Mais do que apresentar descrições do espaço suburbano, Lima Barreto privilegia em muitas delas a contraposição entre a realidade precária da periferia e a postura alheia do poder público, que se preocupa em realizar melhorias de infra-estrutura apenas para as regiões onde residem pessoas de maior poder aquisitivo. Ironicamente, a escrita barretiana lembra ao seu leitor, que a riqueza urbana das zonas elitizadas provinha de impostos pagos também e igualmente pelos habitantes da periferia: “Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro”. (Idem, p. 117)

A essa impugnação que devota valorização urbanística apenas aos bairros economicamente favorecidos, Lima Barreto contrapõe – principalmente em suas crônicas – as preocupantes consequências dessa postura do poder público. Ao invés da prefeitura do Rio de Janeiro destinar recursos para a adequada urbanização da área pobre da cidade, problema do qual esta esfera de poder

tinha consciência, preferia “socorrer” as “carências” de embelezamento da área nobre da cidade. Isso ocorria, conforme atesta a escrita do autor carioca, pelo desejo de ter no espaço urbano brasileiro cópias de monumentos elegantes e famosos de outros países:

A municipalidade desta cidade tem dessas medidas paradoxais, para as quais chamo a atenção dos governos das grandes cidades do mundo. Fala-se, por exemplo, na vergonha que é a Favela, ali, numa das portas de entrada da cidade – o que faz a nossa edilidade? Nada mais, nada menos do que isto: gasta cinco mil contos para construir uma avenida nas areias de Copacabana. Clama-se contra as péssimas condições higiênicas do matadouro de Santa Cruz, imediatamente a prefeitura providencia chamando concorrência para a construção de um prado de corridas modelo, no Jardim Botânico, à imitação do de Chantilly. (BARRETO, “Variações...”, 1956, p. 185)

A contestação sobre a precária condição de moradia da população subalterna e a exploração de impostos dos suburbanos denunciada por Lima Barreto, coincide com o ponto de vista temático desenvolvido por João Antônio. A degradação da paisagem da cidade (favelas, barracos, moradores de rua), vista pela classe dominante como feia e inaceitável esteticamente, surge na escrita do autor paulistano em abordagem semelhante a do autor carioca.

Em “Abraçado ao Meu Rancor”, narrativa já referida anteriormente, o narrador-protagonista – não nomeado – reflete sobre a decadência de dois importantes lugares assinalados na narrativa: do narrador enquanto repórter e da cidade de São Paulo, como propulsora de recordações pessoais e questionamentos de paradoxos sociais. Ele é incumbido, pelo editor de um jornal do Rio de Janeiro, de acompanhar uma campanha publicitária sobre o turismo na capital paulistana.² Ao percorrer a cidade de sua infância e juventude, realiza profundo percurso em si próprio sob questionamentos existenciais, refletindo sobre a decadência desta metrópole:

Mas desguio da manada [de jornalistas], tão logo posso, o que posso. E tento ganhar, reaver a cidade. A cidade deu em outra. Deu em outra cidade, como certos dias dão em cinzentos, de repente, num lance. [...] Quanto e quanto muquinfô, ô Deus, e bocada e miserê nas beiradas das estações da Sorocabana. E já nem sei quanta vez só os deixava, sonado, nos primeiros clarões da manhã ao baixarem as portas para fechar [...]. (ANTÔNIO, ‘Abraçado ao meu rancor’, 1986, p. 80-81)

² Destaca-se que no texto “Publicitário do ano”, publicado na mesma coletânea, narra-se a origem dessas campanhas publicitárias. Em uma das várias faces do personagem Jacarandá – que aparece sob diversas roupagens em outras narrativas de João Antônio –, ele é apresentado como um publicitário sem ética, admirado pela imprensa e pelo poder municipal de São Paulo.

É interessante notar que este personagem expressa crítica a dois pólos básicos de tensão social: panfletos de uma campanha turística de São Paulo e a realidade de retirantes que subsistem na miséria, na periferia da cidade. Ao caminhar pelo centro da cidade, após conseguir escapar dos seus pares jornalistas – que no texto ele ressalta veementemente como uma classe sem ética profissional – e, lembrando dos panfletos sensacionalistas que descrevem a metrópole como um lugar paradisíaco, o narrador-protagonista polemiza com estas mensagens e a realidade dos moradores do morro de Presidente Altino – subúrbio paulistano próximo a Osasco.

Dessa maneira, ao contrapor essas mensagens superficiais, que desconsideram ou propositadamente ignoram a existência das zonas marginais da cidade, atesta-se uma entonação irônica ao discutir, por exemplo, qual seria o significado do vocábulo paz:

‘Os preços são do princípio do século; as mensagens de paz, grátis’.

Sim...

Em pouco, os baianos do morro, mal e mal apurados na vidinha, aos domingos e feriados, comem uma carne, uma galinha, farofa. E a sanfona se abre, rasgando. [...] Aí, um dos baianos levanta a mão em que segura uma costeleta de porco e anuncia, boca brilhando de gordura nos cantos:

– Esta é a bandeira da paz! (Idem, p. 118-119)

A paz que pode ser alcançada pelos turistas por meio de compras a preços baixos é completamente diversa daquela de seres que encontram a paz no alimento, na alegria da carne, que às vezes é possível comer em domingos e feriados, acompanhada de música e solidariedade. Esse conflito de valores, paz consumista *versus* paz fraterna, representa o descompasso entre os imaginários da classe dominante e da periferia urbana. O viés crítico dessa passagem desmembra a luta de classes no espaço da cidade, se é que se pode falar em luta, pois, neste caso, somente um lado tem o poder de vencer: o da elite ou classe média, conforme atesta o viés narrativo de “Abraçado ao meu rancor”.

É nesse sentido, justamente, que se ressalta um dos elementos importantes na produção de João Antônio, pois a sua literatura, assim com a de Lima Barreto, busca dar espaço e voz aos marginalizados. Assim, João Antônio, enquanto escritor, busca instaurar-se como um elo que procura fortalecer a parte mais fraca na cotidiana disputa de classes. Ao trazer para o cenário da literatura a respeitável cidade das letras – discutida por Angel Rama (1985) – a realidade dos marginalizados, o autor, no mínimo, incomoda o olhar burguês acostumado às letras que contextualizam a realidade e o pensamento da classe média ou dominante.

A exposição dos pontos de vista de Lima Barreto sobre a precariedade das moradias suburbanas remete ao posicionamento de João Antônio em relação ao espaço urbano consignado aos habitantes do submundo social. O mesmo pode ser dito sobre a postura contestadora à urbanização de determinadas regiões em detrimento de outras. Por exemplo, na obra do autor paulistano nota-se a não referência às linhas de metrô, com exceção do “Pequeno flagrante da miniguerra do metrô” (1996). Isso pode ser entendido pela falta de acesso das classes baixas a esse tipo de transporte que, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, contemplam, em sua maioria, bairros de classe média. Na verdade, os personagens do autor paulistano dificilmente andam até mesmo de ônibus, pois são seres que se caracterizam principalmente por andar a pé pela cidade. Nesse sentido, da falta de infraestrutura, encontram-se vários textos em que o autor relata a precariedade do espaço da periferia: “Pingentes”, “Cidade de Deus”, “Morro da Geada”, “Lambões de Caçarola”, entre outros. No mesmo viés, também ao focar a suburbanização das zonas de classe média, verificam-se referências às condições subumanas de muitos marginalizados que vivem em praças ou pelas ruas sem ter onde dormir ou comer: *Ô, Copacabana*, “Frio”, “Malagueta, Perus e Bacanaço”, “Joãozinho da Babilônia”, entre outros.

O subúrbio ainda é o mesmo

Essas breves considerações demonstram uma perspectiva de duplo diálogo, representada pela convergência entre as escritas de João Antônio e Lima Barreto e das relações entre problemas sociais e realidade. Os dois escritores focalizam em suas produções um posicionamento sobre suas preocupações com as condições adversas vivenciadas pelos moradores do subúrbio. Diferentemente de privilegiar no desenvolvimento literário uma acepção circunscrita ao universo da classe dominante, ambos estabelecem como lugar essencial, de onde partem suas escritas, a periferia, seja a geográfica e/ou a social. Se há correlações entre repertório biográfico e produção estética – o fato dos dois autores terem vivido parte de suas vidas no subúrbio –, existe de forma ainda mais contundente a visão de mundo desses autores em relação às prioridades de um fazer artístico comprometido com a transformação da sociedade.

As obras destes escritores revelam como o problema da exclusão social no Brasil ainda se mantém como questão a ser refletida, pois como pode ser observado hoje, o acirramento das diferenças econômicas e sociais tem se tornado cada vez mais um índice a fortalecer o crescimento alarmante da violência nas grandes cidades. O percurso aqui realizado demonstra como essa situação

é fruto de um sistema predatório secular. Lima Barreto, no início do século XX, registrou de maneira pontual a falta de infra-estrutura na periferia do Rio de Janeiro e a dependência dos suburbanos em relação à cidade, como forma de garantir a subsistência. A escrita de João Antônio demonstra como o estado de coisas apontado por Barreto se cumpriu num movimento vertiginoso, mais de 50 anos após as colocações do autor carioca.

Na contemporaneidade do escritor paulistano, o espaço do subúrbio tornou-se arena de guerra em franca luta com o opressor, a cidade legalizada. Inclusive, o crescimento vertiginoso da violência observada atualmente foi uma das possíveis consequências em devir apontadas por João Antônio, no final dos anos 70, diante do acirramento da exclusão social:

Veja a quantidade de menores abandonados. Amanhã, quando esses menores crescerem, como vai ficar o panorama da violência? E esse governo está providenciando o que para esses menores abandonados? Campos de concentração na Ilha Anchieta. Essa sociedade se esquece que 70% da população têm menos de trinta anos. Daqui a cinco anos as pessoas vão precisar de guarda-costas no Rio. E a causa da violência é única e exclusivamente a miséria. Se esse governo providenciasse escolas profissionalizantes... (ANTÔNIO, 8 fev. 1979)

Antevendo que as consequências da falta de acesso a uma formação digna pode levar ao estrangulamento da sociedade, as palavras de João Antônio, numa acepção premonitória, acusam um cumprimento fiel de suas preocupações. As lutas cotidianas entre periferia e centro, em muito mediadas pela utilização da violência de ambos os lados, atestam que as contravenções cometidas por alguns integrantes das classes subalternas são frutos de um ciclo ininterrupto de exclusão inerente à sociedade brasileira desde a sua formação.

O subúrbio de hoje continua sendo o “refúgio de infelizes”. Seus habitantes, ao mesmo tempo em que contabilizam milhões de assalariados, contemplam uma parte significativa do submundo do tráfico de drogas e do crime organizado. Se no início do século XX ainda era possível descrever esse espaço como uma seara restrita de miséria e solidariedade, atualmente, se pode observar a força de reação dos suburbanos diante da conscientização da condição de marginalidade imposta pela sociedade.

João Antônio viveu numa época limítrofe entre a condição submissa das classes subalternas à exploração da classe dominante – demonstrada por Lima Barreto – e

a consolidação da violência como forma de luta, ocorrida durante as décadas de 80 e 90 do século passado. Os quase dez anos do novo século demonstram como essa forma de reação tem provocado o desgaste contínuo das estruturas do centro e do subúrbio.

Referências

- ANTÔNIO, João. Abraçado ao meu rancor. In: *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ANTÔNIO, João. Entrevista. In: VICENZIA, Ida. ‘Ô Copacabana’ – Entrevista com João Antônio. *A Tribuna*, Vitória, 08 fev. 1979.
- ANTÔNIO, João. Flagrante pequeno da miniguerra do metrô. In: *Sete vezes rua*. São Paulo: Scipione, 1996.
- ANTÔNIO, João. Lambões de Caçarola (Trabalhadores do Brasil!). In: *Meninão do caixote*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- ANTÔNIO, João. Malagueta, Perus e Bacanaço. In: *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- ANTÔNIO, João. Pingentes. In: *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. A estação. In: *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. Variações... In: *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. Sobre o desastre. In: *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. A revolta do mar. In: *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BOSI, Alfredo. Prefácio. In: ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GRIECO, Agrippino. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

Recebido: 12 março de 2010
Aprovado: 23 abril de 2010